

A quarta vez “que vi *Teresa*” — para retomar o poema de Manuel Bandeira — já é também a quinta: a revista aparece agora num duplo número temático sobre literatura e música no Brasil. Pela primeira vez optou-se por reunir um conjunto de ensaios, resenhas, poemas e documentos envolvendo um só assunto. No caso, os muitos modos pelos quais a produção literária aponta tantas vezes, entre nós, para a presença da música, e pelos quais a canção tornou-se, no Brasil, uma forma complexa de poesia cantada. Professores e alunos da área de Literatura Brasileira, contando com a participação valiosa de professores e alunos do Departamento de Lingüística, que desenvolvem pesquisas afins e em grande parte complementares, nesse campo, juntamente com pesquisadores de História e Teoria Literária, desta e de outras universidades, e poetas da canção, aqui reunidos, compuseram um volume de textos que oferece um amplo painel de análises, diálogos, testemunhos e discussões sobre o tema, que se recolhe por isso mesmo sob a rubrica de um número duplo: *Teresa* 4-5.

O raiar da música popular urbana e o modo como ela põe em questão a música erudita, objeto de um conto célebre de Machado de Assis, é o tema do ensaio da vez na seção “Página aberta” (“Machado maxixe: o caso Pestana”, por José Miguel Wisnik). Respostas explícitas ou implícitas da musicologia de Mário de Andrade ao fenômeno da música industrializada, e a impregnação da poesia de Murilo Mendes pelo samba carioca são temas dos ensaios de Maurício de Carvalho Teixeira e Ulisses Infante. O lugar da canção de Siruiz em *Grande sertão*: veredas é a questão do ensaio de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. A musicalidade inerente a um poema de Manuel Bandeira é percebida e exposta, original e sucintamente, por Alcides Villaça.

Se esses são alguns dos sinais, nada desprezíveis, do lugar que a música ocupa em obras literárias brasileiras, é incontestável que a canção adquiriu, por sua vez, um estatuto poético que, sem se confundir com a poesia de livro, dialoga com esta e desafia o entendimento de suas propriedades estéticas, bem como a discussão das modalidades e das implicações do extraordinário raio de seu alcance sócio-cultural (que já parecia de algum modo previsto, ironicamente, por Machado de Assis). Alguns exemplos áureos da canção popular brasileira posterior à Bossa Nova — de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Jobim —, são analisados aqui por Ivã Carlos Lopes / Luiz Tatit, Fernando Mesquita e Arthur Nestrovski, em três abordagens que enfrentam, cada uma de modo próprio, os desafios do objeto poético-musical. Traços da poesia do cantador nordestino, envolvendo a poética do desafio em Patativa do Assaré, são estudados por Cláudio Henrique Sales Andrade. E um desenvolvimento teórico da “dialética verbo-música” na canção popular, em diálogo com Mário de Andrade, é realizado por José Roberto do Carmo Jr.

Atestando ainda outra vez, em direções reversas, o recorrente balanceio entre literatura e música popular no Brasil, aparecem aqui as figuras de Chico Buarque como romancista, Caetano Veloso como ensaísta e Tom Zé como escritor. Chico Buarque tem o romance *Estorvo* estudado por Renata Mancini, e o romance *Budapeste* resenhado por um

certo Zsoze Mikhail. Tom Zé tem seu livro *Tropicalista lenta luta* resenhado por Daniel Sampaio Augusto. E Caetano Veloso publica na seção “Documento” de *Teresa* o texto integral da conferência proferida no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1993, por ocasião do evento Enciclopédia da Virada do Século / Milênio.

Abrindo um espaço problematizador para fora da tradição cancional que remonta à Bossa Nova (embora tenha escrito um livro-chave sobre João Gilberto), Walter Garcia escreve sobre os Racionais MC'S, enquanto João Camillo Penna discute, numa resenha ensaística, as obras de Hermano Vianna sobre a constituição do samba e sobre o funk carioca. A crítica do lugar estético-ideológico em que se assenta a chamada MPB, implicada de um modo ou de outro nesses textos, comparece como questão na resenha de *Eu não sou cachorro não*, de Paulo César de Araújo, por Marcos Napolitano, em que se discute “o lugar da música ‘cafona’ na historiografia da cultura brasileira”. Algo da mesma questão, embora discutida em outros termos, está no horizonte crítico da ampla avaliação da musicologia da canção popular levada a efeito por David Treece na altura de 1996, focalizando com destaque a obra de Luiz Tatit, em artigo publicado originalmente no *Journal of Latin American Cultural Studies* e traduzido especialmente para o(s) presente(s) número(s).

Vemos então que o estudo das relações entre música e literatura traz consigo um conjunto de problemas de amplo alcance, envolvendo cruzamentos entre popular e erudito na cultura brasileira, entre letra e música na canção, e convocando o arco histórico que envolve o nascimento da música popular urbana, a formação do maxixe e do samba, o núcleo denso formado pela Bossa Nova / Tropicália e as questões novas levantadas pelos desdobramentos, deslocamentos e ultrapassagens deste.

No processo, as obras de alguns autores que são referência obrigatória para o estudo da música popular brasileira são resenhadas e discutidas: além de Luiz Tatit e Hermano Vianna, já citados, José Ramos Tinhorão por Roberto Alves e Zuza Homem de Mello por Joaquim Alves de Aguiar. Indiretamente, Carlos Sandroni comparece como uma referência de peso no ensaio de José Miguel Wisnik. Completando o conjunto, o historiador José Geraldo Vinci de Moraes apresenta um valioso mapeamento comentado das fontes e acervos para a pesquisa de música popular no Brasil.

E como não poderia deixar de ser, os poetas que participam de *Teresa* 4-5, neste “duplo twist carpado” e brasileiríssimo, são letristas, poetas do livro e da canção: Carlos Rennó, Alice Ruiz e Antonio Cicero.

Já é mais que tempo de registrar aqui o empenho obstinadamente cuidadoso, a generosa dedicação e a competência com que as alunas Maria Claudete de Souza Oliveira e Salete Therezinha de Almeida Silva, participando de todas as fases, desde a concepção de cada número às últimas providências da produção editorial, vêm tornando possível esta consolidada sucessão de *Terasas*.